

**gula do
estudan
te da fa
culdade
de letras
do porto**

SOCIOLOGIA - 2º Ano

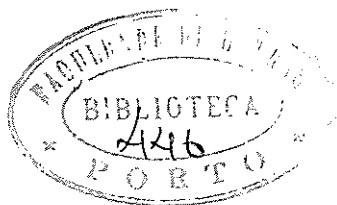
1989/1990

GUIA DO ESTUDANTE

FACULDADE DE LETRAS
da
Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE

X



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO

1989 / 90

378(007)
Geo.

Guia do Estudante da FLUP . SOC : 2º Ano

Porto: Conselho Directivo da FLUP.

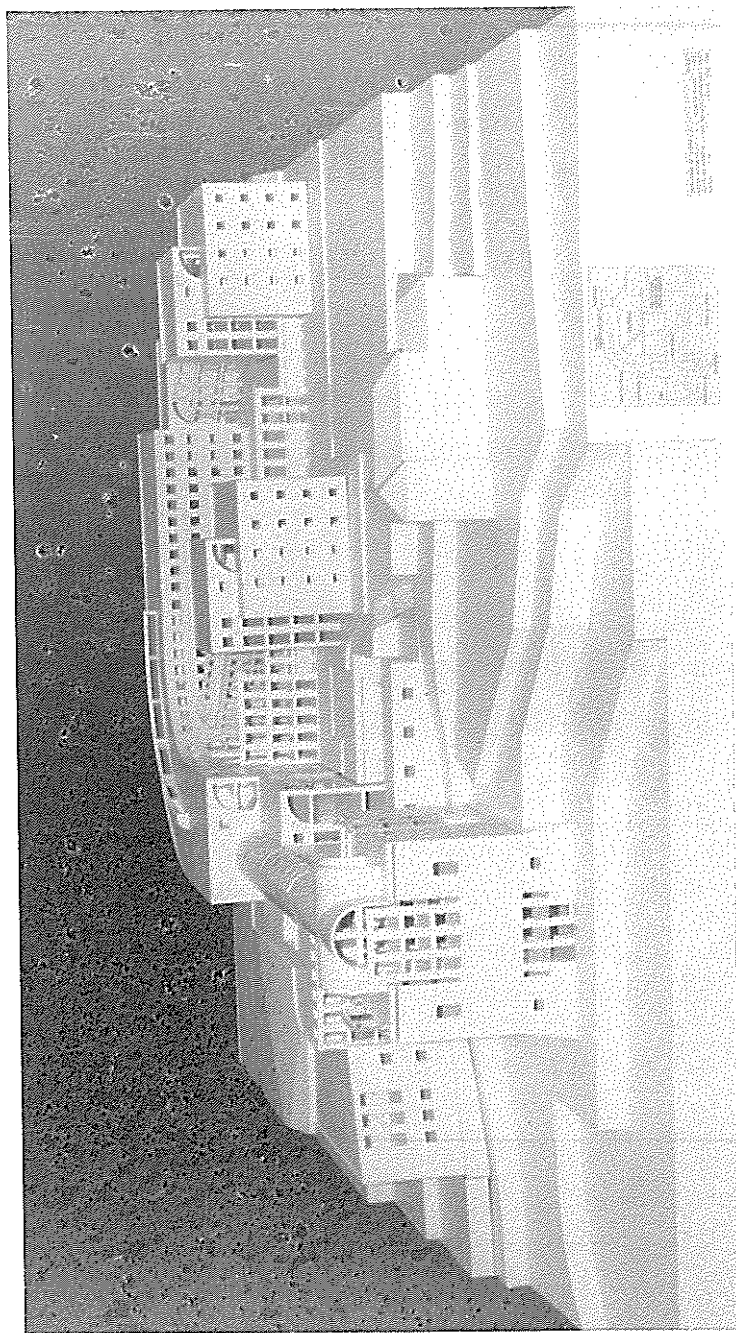
Vol. 10, 1989-1990

Publicação anual

Dactilografia: Margarida Santos

Execução e impressão: Oficina Gráfica

Tiragem: 85



Maquete das futuras instalações da Faculdade de Letras
(em construção)

INTRODUÇÃO

No presente ano lectivo de 1989-1990 edita-se pela 10ª vez consecutiva o Guia do Estudante da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Importa assinalar a data, não só porque ela traduz o empenho que os sucessivos Conselhos Directivos puseram na elaboração e edição deste importante instrumento de informação pedagógica, mas também porque, pela primeira vez, o texto do Guia do Estudante surge totalmente informatizado, mercê de um trabalho levado a cabo pelo Conselho Directivo ao longo de 1989. Ficam, deste modo, criadas condições para que, no futuro, a sua actualização se processe de forma cada vez mais eficaz e económica, facilitando ao mesmo tempo a sua difusão junto dos alunos antes do início das aulas.

O Guia do Estudante deve constituir, fundamentalmente, um apoio à orientação do trabalho dos estudantes; mas, na medida em que é já parte da história recente da Faculdade de Letras do Porto, não pode deixar de se registar nele o significado especial de que se reveste o momento presente da vida desta escola. De facto, em Dezembro de 1988 teve início a construção do novo edifício da FLUP, na Área de Expansão do Pólo 3 da Universidade. No dia 16 de Junho de 1989 realizou-se a cerimónia oficial de lançamento da sua primeira pedra, que fica implantada no centro do bloco destinado à Biblioteca Central, simbolizando, assim, tudo quanto o livro e o documento representam para uma escola das ciências humanas, da filosofia e das línguas. Desta maneira se coroa um longo processo de trabalhos preparatórios efectuados pacientemente desde 1980.

Mas também em 1989 a Faculdade de Letras passou a ocupar um lugar cimeiro no quadro das instituições universitárias portuguesas, ao tornar-se a primeira Faculdade da Universidade do Porto a dispor de uma ligação à rede "Porbase", o que lhe permite trabalhar em linha com a Biblioteca Nacional de Lisboa, tanto para pesquisa por parte dos utentes, como para carregamento de dados pelos serviços competentes da Biblioteca Central.

Finalmente, 1988-89 fica também assinalado como o ano lectivo em que se aprovaram os Estatutos da Universidade do Porto e se elaboraram os desta sua Faculdade de Letras, por forma a que pudessem vir a ser aprovados pela assembleia competente, o que se espera aconteça antes do fim de Dezembro. Com eles poderá, com certeza, a escola exercer de maneira mais adequada a autonomia possível no quadro das instituições universitárias.

O Guia do Estudante pretende ser fundamentalmente um instrumento útil aos estudantes da Faculdade, pelo que as informações de natureza académica e social devem ser procuradas no folheto Instruções Úteis aos Alunos que a Reitoria da Universidade do Porto distribui gratuitamente no início do ano lectivo.

No quadro da Lei de Autonomia das Universidades e dos Estatutos elaborados pela Universidade do Porto, e de acordo também com a Lei Orgânica desta, e com o projecto dos seus próprios Estatutos, a Faculdade de Letras passa a estruturar-se do seguinte modo:

Assembleia de Representantes

Conselho Directivo

Conselho Científico

Conselho Pedagógico

Conselho Administrativo.

SERVICOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições

" de Equivalências

de Mudanças de Curso.

Horário normal de abertura ao público:

de 2.^a a 6.^a feira: 12H00 16H00

Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Serviço de pagamento das cartas de curso

"de venda de selos fiscais.

Horário de atendimento:

de 2.^a a 6.^a feira: 9H30 11H30

14H30 16H30

Encerra ao Sábado.

C - Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os alunos devem possuir o cartão de leitor, revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:

- a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);
na Sala de Obras de Referência (livre acesso);
- b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de

Leitura.

2. Sala dos Catálogos:

- a) Onomástico
- b) Didascálico
- c) CDU (Classificação Decimal Universal)
- c) Cardex (Publicações Periódicas)
- d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base

Nacional de Dados Bibliográficos).

Como aceder à Base Nacional de Dados Bibliográficos:

1. Digite: GEAC.

2. Carregue tecla ENTER.

3. Digite: CAT.

4. Siga as instruções que aparecem no écran.

5. Se tiver dificuldade, dirija-se ao funcionário da Biblioteca, que dará as indicações necessárias para estabelecer a ligação.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas no ficheiro da Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, enciclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura:

2ª a 6ª feira: 8H30 - 18H00

Sábado: 9H00 - 11H30.

5. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

6. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico - Referente às obras entradas em cada semestre (publicado desde 1979)

Anexos do Boletim:

I - Teses existentes na Biblioteca Central (Junho de 1989)

II - Publicações dos Docentes da Faculdade, existentes na Biblioteca Central (Junho de 1989)

Boletim de Sumários, respeitante aos índices das publicações periódicas recebidas (iniciado em 1988)

"Reservdos" da Biblioteca Central, Porto, 1989.

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação (estes dependentes do INIC):

Instituto de Estudos Ingleses

" de Estudos Norte Americanos

" de Estudos Germanísticos

" de Geografia

" de Cultura Portuguesa

" de Arqueologia

" de Documentação Histórica Medieval

" de Filosofia e História da Filosofia

" de História de Arte

" de Língua Portuguesa

" de Literatura Comparada

" de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa

" de Sociologia

Sala Francesa

" Brasileira

" Espanhola

" Neerlandesa

" de História Moderna
" de História Medieval
Centro de História
" de Linguística
" de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

C Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações, apóia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:
2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H30
Sábados: 9H00 - 12H30.

BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:
2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00
Encerra ao Sábado, normalmente.

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos. Chama-se particular atenção para a área reservada à viatura da Faculdade, que deve manter-se sempre desempedida.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:
2ª a 6ª feira 7H30 23H00
Sábados 7H30 13H00.

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura

História

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est. Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)

Geografia

Sociologia.

Curriculos em vigor em 1989/90:

1ª, 2ª e 3ª anos - Port. nº 850/87

4ª ano - Dec. nº 53/78

4ª ano de Sociologia: Port. nº 352-C/85

4ª ano de Est. Portugueses (LLM): Dec. do Gov. nº 75/84.

B - Cursos Profissionalizantes:

a) Ramo educacional:

regime transitório

regime normal (3º ano).

b) Tradução (Port/Ingl; Port/Franc; Port/Alem) - Portaria nº 850/87 (regimes transitório e normal).

C - Cursos de pós-graduação (em funcionamento):

a) Mestrados: em História Medieval

História Moderna

Filosofia Social e Política

Arqueologia (proposto)

Educação (proposto)

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Bibliotecas e Arquivos (edição de novo Curso em 1989/90)

c) Curso de Conservador de Museu (proposto).

D - Curso de Português para Estrangeiros (em Julho).

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório:

1º ano:

- a) obrigatoriedade de frequência mínima a 2/3 das aulas;
- b) os alunos que concluem a licenciatura têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;

c) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação a Introdução às Ciências da Educação;

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa a Metodologia do Inglês.

2º ano:

a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;

b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);

c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro em princípio só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

Regime normal (Port. 850/87):

1. Candidaturas à inscrição, no 3º ano, nas disciplinas de:

"Introdução às Ciências da Educação" (ICE), em todos os cursos,

e

"Psicologia e Desenvolvimento da Aprendizagem" (PDA), em História e Filosofia.

2. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).

3. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios da FLUP, com a fórmula para o cálculo da classificação final, encontra-se publicado na Port. 659/88.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):

Regime transitório:

a) possibilidades:

Variante de Est. Port./Ingl - Trad. Port./Ingl.

" Est. Port./Franc. - Trad. Port./Franc.

" Est. Franc./Ingl. - Port./Ingl ou Port./Franc.

" Est. Ingl./Alem. - Port./Ingl. ou Port./Alem.;

b) obrigatoriedade de frequência mínima às aulas:

2/3 das aulas teóricas

50% das aulas práticas;

c) podem candidatar-se os interessados que possuam a licenciatura nas variantes atrás indicadas (e nas condições fixadas na Port. 850/87), devendo fazê-lo nos dois primeiros concursos abertos após a conclusão desse grau.

Regime normal - 3º ano (Port. 850/87):

a) Possibilidades:

Português-Inglês

Português-Alemão

Português-Francês.

Nota: O Conselho Científico manifestou-se a favor da abertura do Curso de Tradução nas restantes combinações de LLM (Inglês/Alemão; Inglês/Francês; Francês/Alemão), aguardando-se a necessária aprovação superior.

b) Critérios de selecção:

os candidatos devem estar em condições de passagem para o 3º ano (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso e desde que nenhuma delas seja a língua em que o interessado pretende fazer o Curso de Tradução).

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.

2. Reingressos, transferências, mudanças de curso:

Editais afixados em 8 de Outubro (inclusive)

Matrículas e/ou inscrições: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

Reclamações: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

Permutas: só no ingresso ela 1ª vez no Ensino Superior.

3. Mudança de variante em LLM: os pedidos só podem ser considerados depois de os alunos terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram; esta disposição aplica-se aos casos de retoma de estudos e de transferência de outras Faculdades congêneres, caso se traduzam, na prática, em mudança de variante; excluem-se os casos de alterações curriculares resultantes de situações contempladas na lei, como sejam as equivalências de planos de estudo.

4. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.

2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 7.6.89)

No desempenho das funções que lhe competem pelo Artº 21º do Decreto Lei nº 781 A/76, de 28 de Outubro, e de acordo com as normas gerais respeitantes ao exame final definidas pela Portaria nº 886/83, de 22 de Setembro, o Conselho Pedagógico aprovou em 7/6/89 as Normas de avaliação de conhecimentos para o ano lectivo de 1989-90.

As normas agora propostas introduzem não só modificações em alguns artigos (cf. os novos artigos 1º, 2º, 3º, 5º, 10º, 11º, 12º, 13º, 15º, 16º, 20º e 22º), como também algumas recomendações apresentadas sob a forma de Observações Finais às avaliações contínua e periódica. Suprimem os antigos artigos 29º e 33º e dispõem de forma mais clara esclarecimentos sobre melhoria de nota e épocas de exames de recurso e especial que se encontravam dispersos ou omissos (cf. Esclarecimentos sobre a avaliação final). Chama-se a atenção para as alterações significativas introduzidas pela nova redacção dos artigos 1º e 11º.

Relativamente a alterações de fundo que alguns membros do Conselho Pedagógico gostariam de ter visto aprovadas, optou-se pela divulgação à escola em documento próprio, para que sirvam de ponto de partida para uma reflexão mais geral sobre a matéria pedagógica. Para a actual redacção das Normas de avaliação foram ouvidas comissões pedagógicas dos cursos e em certos casos atendeu-se a sugestões que vários docentes resolveram por bem dirigir ao Conselho Pedagógico no princípio do ano lectivo de 1988/89.

Subjacente à elaboração das presentes Normas de avaliação esteve o desejo por parte dos membros do Conselho Pedagógico de incrementar a avaliação periódica e contínua, de consagrar a importância dos trabalhos individuais e de grupo e de acentuar a importância do contacto directo e pessoal entre professor e aluno.

CAPITULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS

Artº 1º - Modalidades de avaliação. Admitem-se três modalidades de avaliação:

I - Avaliação contínua.

II - Avaliação periódica.

III - Avaliação final.

§ Único - Poderá existir uma combinação da avaliação contínua com qualquer outra forma de avaliação nos termos do nº 3 do Artº 11º das presentes Normas.

Artº 2º - Apresentação do plano de avaliação.

No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina (conforme o disposto no Estatuto da Carreira Docente Universitária), deverá

o docente apresentar o plano de avaliação e dialogar com a turma acerca dos seus diferentes aspectos, com explicitação dos objectivos pedagógico-didácticos, modalidades de avaliação, critérios e instrumentos de avaliação a utilizar.

§ 1º Este plano de avaliação deverá ter em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

- a) número de alunos;
- b) número de docentes;
- c) natureza da disciplina.

§ 2º - Competirá ao Conselho Pedagógico, sempre que necessário, analisar todos os aspectos inerentes à elaboração e aplicação do referido plano de avaliação.

Artº 3º - Trabalhos de investigação.

Deve ser promovida a realização de trabalhos de investigação, individuais ou em grupo, a apresentar e discutir oralmente, na aula ou fora dela. Os docentes deverão acompanhar de perto a elaboração dos trabalhos em todos os trâmites.

Em função da participação individual, os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho poderão ter uma nota diferenciada, o que deve desde o início ser tornado claro pelo docente.

§ 1º Os alunos poderão ter acesso aos trabalhos elaborados pelos colegas desde que os autores desses trabalhos o autorizem e o docente recomende a sua divulgação.

§ 2º - Os docentes deverão proceder à publicitação da classificação dos trabalhos de investigação.

§ 3º - Desde que o trabalho de investigação seja considerado idóneo, ele deverá ser valorizado em pelo menos 1/3 da nota final; ou em 50% no caso de o trabalho substituir um dos dois elementos da avaliação periódica.

§ 4º - Considera-se um trabalho de investigação escrito em que haja pesquisa bibliográfica e documental original e individualizada e cuja apresentação e dimensão obedeçam a certos requisitos mínimos previamente acordados entre docentes e alunos.

Artº 4º Reprovação em avaliação contínua e periódica.

Os alunos que reprovem na avaliação contínua ou periódica só poderão fazer exame final na época de recurso (Setembro), nas condições fixadas por lei.

Artº 5º Consulta da testes.

1 - Os alunos têm o direito de consultar os seus testes. No caso de prestação de prova oral, os alunos têm o direito de serem informados acerca da nota que obtiveram na prova escrita correspondente.

2 - Sendo possível provar a existência de qualquer irregularidade processual na classificação das provas, os alunos poderão dirigir uma reclamação ao Conselho Pedagógico, que tomará as providências necessárias nosentido de resolver a situação.

Artº 6º Provas orais.

As provas orais de avaliação de conhecimentos devem realizar-se em

salas com portas abertas ao público e perante um júri constituído pelo número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

Artº 7º - Notas quantitativas.

Todas as notas relativas a provas ou trabalhos que sirvam de fundamento à classificação final serão publicadas sob a forma de nota quantitativa (escala de 0 a 20).

Artº 8º - Arredondamento de notas.

As classificações a afixar, quando impliquem direito a uma prova oral ou dispensa de prova final, deverão ser arredondadas (ex.: 9,5=10 e 7,5=8).

Artº 9º - Afixação das datas das provas.

As datas das provas de avaliação periódica e final deverão ser afixadas com uma antecedência mínima de 15 dias.

CAPITULO II - DISPOSIÇÕES ESPECIAIS

A - AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Artº 10º - Tipo de provas.

O processo de avaliação contínua constará de vários tipos de prova, tais como trabalhos de investigação (individuais ou em grupo), relatórios de leituras ou de trabalhos de campo, elaboração de bibliografias críticas, exposições feitas nas aulas, testes, provas orais. Uma das provas terá de ser um teste em presença, realizado na própria aula.

§ Único - Os alunos deverão ser informados de todos os elementos de avaliação, incluindo as provas orais e a participação oral nas aulas, assim como dos métodos de ponderação adoptados.

Artº 11º - Número de alunos por turma.

1 - A avaliação contínua poderá ser realizada em qualquer tipo de disciplina, em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos. Em certos casos, poderá haver alteração desse número, mediante prévia autorização do Conselho Pedagógico.

2 - De modo a possibilitar a realização de avaliação contínua, as disciplinas poderão ser organizadas em turmas teóricas e turmas práticas (1 teórica + 2 ou 3 práticas), sem prejuízo da carga horária prevista na distribuição de serviço e mediante acordo prévio do Conselho Directivo no que respeita à ocupação de salas.

3 - Caso exista uma nítida distinção entre aulas teóricas e aulas práticas, uma mesma disciplina poderá funcionar em simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente às aulas teóricas; avaliação contínua relativamente às aulas práticas. Em caso de avaliação negativa na componente teórica da disciplina, a classificação que o aluno tenha obtido na componente prática em avaliação contínua, desde que positiva, deverá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

Art.º 12º - Obrigatoriedade de presenças.

A avaliação contínua obriga à presença do aluno em 3/4 das aulas. A presença dos alunos deverá ser verificada pela assinatura de folhas de

presença, sob a responsabilidade do docente.

§ Único - Na situação descrita nos números 2 e 3 do Artº 11º. os alunos ficam obrigados a este regime de presenças apenas em relação às aulas práticas.

Art. 13º - Inscrição e desistência.

1 - A inscrição em avaliação contínua deverá ser feita no decurso do primeiro mês de funcionamento a disciplina.

2 - Os alunos poderão desistir da avaliação contínua, com possibilidade ainda de escolha de outras modalidades de avaliação, desde que essa desistência seja comunicada ao docente até à realização da primeira prova de avaliação periódica.

Artº 14º - Avaliação em seminários.

Nas disciplinas que funcionem em regime de seminário pode praticar-se a avaliação contínua.

Observação final - As disciplinas ou turmas que funcionem no regime de avaliação contínua deverão, sempre que possível, não interromper as aulas nos períodos de avaliação periódica.

B - AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Artº 15º - Tipo de provas.

O número de provas a realizar será no mínimo de duas, sendo uma obrigatoriamente em presença do docente e podendo ser a outra um trabalho realizado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno.

Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo, estes terão um estatuto próprio e a sua realização deverá ser previamente acordada entre docente e alunos, assim como a ponderação da avaliação respectiva.

Quaisquer outras provas - orais ou escritas - que venham a ser realizadas no âmbito da cada disciplina serão facultativas.

§ 1º - A matéria versada nas provas será a que tiver sido leccionada até 8 dias antes da sua realização.

§ 2º - Sempre que as classificações das provas que excedam o número de duas sejam consideradas para efeito de média final, serão publicadas com as restantes.

Artº 16º - Calendário das provas.

O calendário das provas será oportunamente elaborado pelos Serviços Administrativos da Faculdade em colaboração com o Conselho Pedagógico, o Conselho Directivo e com a Associação de Estudantes. A sua elaboração deve obedecer aos critérios descritos na Observação final à Parte B do Cap. II.

Artº 17º - Repescagem.

Os alunos em avaliação periódica têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realizar simultaneamente com a primeira chamada do exame final da época normal. Entre a afixação dos resultados das provas de avaliação periódica e a primeira chamada do exame final da época normal deverá mediar um intervalo mínimo de dois dias úteis (o sábado não deve ser considerado dia útil).

Artº 18º - As condições referidas no artigo anterior são as seguintes:

1 - Para que haja direito a uma prova de repescagem a nota da outra prova de avaliação periódica terá de ser obrigatoriamente positiva.

2 - Os alunos que tenham obtido uma nota igual ou inferior a sete valores numa das provas ou a ela tenham faltado deverão sujeitar-se a uma prova de repescagem sobre a matéria respeitante àquela prova.

3 - Ficam dispensados da prova de repescagem, embora possam realizá-la, os alunos que tenham obtido numa das provas nota de 8 ou 9 valores, desde que a média das notas das provas seja positiva. Esta dispensa não se aplica caso a média seja negativa, sendo então necessária repescagem relativa à prova em que o aluno tenha obtido 8 valores, para efeitos de aprovação em avaliação periódica.

4 - A nota obtida na prova de repescagem anula a nota da prova que substitui, não se seguindo o critério usado no exame destinado a melhoria de nota. Para que os alunos se considerem aprovados, a média final terá de ser positiva e em nenhuma das provas a nota poderá ser igual ou inferior a sete valores.

Artº 19º - Em caso algum a prova de repescagem se destina a melhoria de nota, não podendo por conseguinte substituir uma prova classificada com nota positiva.

Artº 20º - Inscrição e desistência.

1 - A inscrição do aluno na avaliação periódica far-se-á pela sua presença na primeira prova de avaliação, ou por declaração escrita entregue ao professor até à realização dessa mesma prova.

2 - É permitida ao aluno a desistência da avaliação periódica. Essa desistência deverá ser comunicada por escrito ao professor até à data da segunda prova de avaliação periódica.

Artº 21º - Tipos de provas em línguas vivas.

No caso das línguas vivas, sem prejuízo do disposto nos artigos 16º, 17º e 18º na parte que lhes é aplicável, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais. As provas escritas precedem as orais e obrigam a uma média mínima de nove valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Artº 8º, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

§ 1º - Cabe aos Leitores fixar o momento da realização dessa prova oral, observando o intervalo mínimo de 48 horas após a afixação dos resultados das provas escritas.

§ 2º - A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas.

§ 3º - A prova oral não pode ser entendida como prova de repescagem.

OBSERVAÇÃO FINAL - Critérios para a elaboração do calendário de exames.

1 - Na elaboração do calendário das provas de avaliação periódica deverá ser respeitada, na medida do possível, a distância mínima de 48 horas entre as provas de disciplinas obrigatórias do mesmo ano.

2 - Deverão ser reservados os últimos dias do bloco de avaliação para as provas das disciplinas de opção (tendo em conta o número de disciplinas e a especificidade de cada curso).

3 - Sempre que haja acordo prévio entre docentes e alunos, as provas de avaliação periódica poderão ser realizadas durante o período de aulas, sem prejuízo do normal funcionamento destas.

4 - Dadas as dificuldades na elaboração do calendário de provas nos cursos com múltiplas variantes, deverá ser previsto um prazo para reclamações relativas a coincidências de provas de disciplinas do mesmo ano. O prazo será de 48 horas depois de afixado o calendário das provas; as reclamações deverão ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico, que poderá delegar num ou mais membros do Conselho o poder de resolução destas situações.

C - AVALIAÇÃO FINAL

Art.º 22.º - Tipo de provas.

O exame final é constituído por uma prova escrita e uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta. A prova oral deve realizar-se de acordo com a estipulado no Art.º 6.º.

§ Único - Nas disciplinas em que seja obrigatória a realização de uma prova prática no exame final (nas épocas normal ou de recurso), esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo, previamente realizado ao longo do ano lectivo, desde que haja acordo entre professor e aluno; a ponderação desse trabalho na nota final deverá corresponder à da parte prática do exame final.

Art.º 23.º - Admissão à prova oral.

A nota mínima de admissão à prova oral será de oito valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Art.º 8.º.

Art.º 24.º - Dispensa da prova oral.

Os alunos que tenham nota igual ou superior a dez valores ficam dispensados da prova oral; mas, mesmo dispensados, podem requerê-la, para o que devem dirigir-se à Secretaria no prazo de 48 horas após a afixação das notas da prova escrita.

Art.º 25.º - O artigo anterior não se aplica às línguas estrangeiras, em que a prova oral é sempre obrigatória, excepto no caso de não admissão previsto no Art.º 23.º.

Art.º 26.º - O regime de obrigatoriedade de prova oral nas condições do número anterior poderá ser estendido a qualquer outra disciplina por decisão do Conselho Pedagógico, sob proposta do responsável pela disciplina e ouvido o responsável pela respectiva área do Conselho Científico.

Art.º 27.º - Ponderação da nota da prova oral.

Sempre que se realize uma prova oral, o resultado final será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral.

ESCLARECIMENTOS SOBRE A AVALIAÇÃO FINAL

A - MELHORIA DE NOTA

1 - Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de nota no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas cujas notas pretendem melhorar têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que terá lugar o novo exame e de prestar provas com o docente ou docentes que ministrar(em) os referidos programas.

2 - Os alunos só poderão requerer melhoria de nota na época de recurso (Setembro) do mesmo ano em que tenham obtido aprovação na disciplina ou na época normal (Julho) do ano lectivo seguinte.

3 - Os alunos poderão requerer melhoria de nota relativamente a qualquer disciplina, não devendo ser tida em conta a restrição numérica prevista nestas Observações finais (cf. Ponto B destes Esclarecimentos).

4 - No caso de um aluno se submeter a exame para efeitos de melhoria de nota, prevalecerá a classificação mais elevada.

B - ÉPOCAS DE RECURSO (SETEMBRO) E ESPECIAL (DEZEMBRO)

1 - Na ausência do despacho especial do Reitor da Universidade, o número de exames que os alunos poderão realizar nas épocas de recurso e especial será o seguinte (cf. o Artº 9º da Portaria nº 886/83, de 22 de Setembro e resolução do Conselho Científico da F.L.U.P. de 28.5.84):

a) Época de recurso: exames de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

b) Época especial: exames de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

2 - Na época especial cada aluno pode prestar provas de exame final em disciplinas a cujo exame nas épocas normal ou de recurso não haja comparecido ou, tendo comparecido, dele haja desistido ou nele haja sido reprovado (até ao número máximo referido no Ponto 1), desde que, com a aprovação em tais disciplinas, reúna as condições necessárias à obtenção do grau ou diploma.

3 - Na época normal de exames finais (Julho) realizam-se duas chamadas para cada disciplina; nas épocas de recurso e especial realiza-se apenas uma.

(Nota: O ponto de vista enunciado no Artº 16º das Normas de avaliação transcritas traduz unicamente a opinião do C. P.).

Calendário das provas em 1989-1990
(Emanado do Conselho Pedagógico)

Cursos de Licenciatura:

Avaliação periódica - Primeiras provas: de 1 a 17 de Fevereiro de 1990

" " - Segundas provas: de 11 a 27 de Junho de 1990

Exame final - Época normal: de 2 a 18 de Julho de 1990 (provas escritas)

" - Época de recurso: de 5 a 19 de Setembro de 1990
(provas escritas).

Ramo educacional:

Avaliação periódica - Primeiras provas: de 1 a 17 de Fevereiro de 1990

" " - Segundas provas: 21 de Maio a 2 de Junho de 1990

Exame final - Época normal: 11 de Junho a 7 de Julho (orais inclusive)

" - Época de recurso: de 5 a 19 de Setembro de 1990 (provas escritas)

Publicações mais recentes da Faculdade de Letras:

Revista de Faculdade de Letras (dir. do Conselho Científico):

Séries de História, 1984/85/86/87/88

Filosofia, 1985 (2 números)/86/87

Línguas e Literaturas, 1984/85/86/87/88 (2 tomos)

Anexos desta série:

I - Problemáticas em História Cultural, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1987

II - Bibliografia Cronológica de Espiritualidade em Portugal - 1501-1700, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1988

III - Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (6-7 de Outubro de 1988), Porto, Instituto de Estudos Germanísticos (no prelo)

Geografia, 1985/86/87

Revista de História (Ed. do Centro de História, 1978 ss.. Em 1979/80 publicou as Actas do Colóquio sobre "O Porto na Época Moderna")

Portugalia (Instituto de Arqueologia), 1980 ss. (Em 1983/84 publicou as Actas do "Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste")

Runa (Coedição do Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984

II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, 2 vols., Porto, Centro de História, 1987

Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor, Porto, Institutos de Estudos Ingleses, 1988

La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation, Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française/ Secção de Sociologia da FLUP, 1988

"Fundo Primitivo" da Biblioteca Central. 1919-1928, Porto, 1989

Os programas que se seguem encontram-se aprovados pelo Conselho Científico para o ano lectivo de 1989-1990. Mas para se ter uma ideia aproximada da dimensão da escola, no plano pedagógico, basta notar que os programas desenvolvidos nos cinco cursos de licenciatura e nos cursos do ramo educacional e de tradução se situam na ordem das duas centenas, para 1989-90.

Convém esclarecer que, não se aplicando ao ensino universitário o conceito de "livro obrigatório", as indicações constantes de algumas bibliografias são da responsabilidade dos respectivos docentes.

Porto e Faculdade de Letras, Julho de 1989

O Conselho Directivo

PROGRAMAS

Nota: Em virtude de o tratamento inicial dos programas haver sido feito na versão 4.2 do processador "Word Perfect" e de, para efeito de tiragem em impressora "laser", ter sido necessário convertê-los para a versão 5.0, encontrar-se-ão algumas anomalias na apresentação dos textos, de que se pedem desculpas.

Docente: Prof. Doutor António Custódio Gonçalves

I - Aulas teóricas

1. Da Etnografia à Antropologia cultural.
 - 1.1 Orgens e desenvolvimento da Antropologia cultural.
 - 1.2. Relações com as Antropologias especiais e com outras ciências.
 - 1.3. A pretensão à superioridade cultural.
 - 1.4. Trajectória da Antropologia cultural portuguesa.
2. Dinâmica interna da Antropologia cultural: conceitos, problemáticas, tipologias.
 - 2.1. Significado antropológico de cultura.
 - 2.2. Factores de cultura.
 - 2.3. Valores culturais, sistemas e padrões culturais.
 - 2.4. Relatividade cultural e etnocentrismo.
 - 2.5. Aculturação e enculturação.
3. Investigação antropológica.
 - 3.1. Objecto.
 - 3.2. Método e técnicas, indução, observação participante, experiência significativa, complexidade e reversibilidade.
 - 3.3. Etapas: recolha de dados, análise, interpretação.
 - 3.4. Projecto teórico e trabalho de campo.
4. Síntese das principais orientações teóricas.
 - 4.1. Evolucionismo, funcionalismo, estruturalismo.
 - 4.2. Culturalismo e dinamismo.
 - 4.3. Sociocibernética e teoria dos sistemas sociais.
 - 4.4. Etnografia portuguesa.
5. Cultura e comunicação.
 - 5.1. Interacção entre o biológico e o cultural.
 - 5.2. Cultura e linguagem.
 - 5.3. Estruturação do tempo, do espaço e dos objectos.
 - 5.3.1. O passado vivido: memórias sociais, mitos históricos... e o futuro antecipado: utopia, ciência, ficção, futurologia.
 - 5.3.2. Os modelos de mobilidade espacial.
 - 5.3.3. Técnicas materiais: informática, robótica, manipulação genética; técnicas culturais: media, publicidade, propaganda, os grandes rituais...
 - 5.4. Estruturação das relações humanas.
 - 5.5. Características fundamentais da cultura portuguesa: constantes culturais e diferenças regionais.
6. Dinâmica das sociedades tradicionais.
 - 6.1. O homem e a terra: posse fundiária; condições e formas de produção e de circulação de bens materiais.

6.2. O homem e a colectividade: carácter sociopolítico das relações de parentesco; poder doméstico e poder político.

6.3. O homem e as representações simbólicas.

6.4. O homem e a máquina social.

II - Aulas práticas

7. Métodos e técnicas.

7.1. A análise de conteúdo.

7.2. A análise autobiográfica.

7.3. A análise etnobiográfica.

8. Modelos culturais e práticas sociais nas comunidades rurais.

8.1. Códigos culturais e "inconsciente cultural"; códigos institucionais do "real"; códigos institucionais da prática social.

8.2. Prática social e efeitos culturais.

8.3. Urbano/rural: modificações das relações de força.

8.4. Cultura e dominação do devir no meio rural.

BIBLIOGRAFIA

1.

AKOUN, A. (dir.) - Dicionário de Antropologia, Lisboa, Ed. Verbo, 1983

AUGE, M. - Un éthnologue dans le métro, Paris, Hachette, 1986

COPANS, J.; GODELIER, M. - Antropologia, ciência das sociedades primitivas?, Lisboa, Edições 70, 1974

DIAS, J. - Antropologia cultural, Lisboa, Assoc. do Inst. Sup. de Estudos Ultramar., 1956/57

EVANS-PRITCHARD, E. E. - Antropologia social, Lisboa, Ed. 70, 1978

GONÇALVES, A. C. - Antropologia cultural, Porto, Inst. de Geografia da Fac. de Letras do Porto, 1984

MORIN, E. - La Méthode. La nature de la nature, Paris, Seuil, 1977

"- Science avec conscience, Paris, Fayard, 1982

PANOFF, M.; PERIN, M. - Dictionnaire de l'éthnologie, Paris, Payot, 1973

2.

BERNARDI, B. - Introdução aos estudos etnoantropológicos, Lisboa, Ed. 70, 1974

LEROI-GOURHAN, A. - Le geste et la parole, 2 vol., Paris, A. Michel, 1964 e 1965

MURDOCK, G. P. - Nuestros contemporáneos primitivos, México, Fondo de Cultura Económica, 1975

3.

BALANDIER, G. - Anthropologiques, Paris, Skira, 1974

- CRESWELL, R. (dir.) - Eléments d'éthnologie, Paris, A. Colin, 1975
- 4.
- COPANS, J. - Críticas e políticas de antropolgia, Lisboa, Ed. 70, 1981
- CORREIA, A.A. Mendes - A Escola de Antropolgia Portuense, Porto, Inst. de Antropologia da Univ. do Porto, 1941
- " - Contribuições para o estudo da antropologia portuguesa, Coimbra, Inst. de Antrop. da Univ. de Coimbra, 1941
- MERCIER, P. - Histoire de l'Anthropologie, Paris, PUF, 1971
- 5.
- ARROYO, A. - Notas sobre Portugal, Lisboa, Imprensa Nacional, 1908, "O povo português", vol. I, p. 73-100
- BATESON, G. - Vers une écologie de l'esprit, Paris, Seuil, 1978
- DIAS, J. - Os elementos fundamentais da cultura portuguesa, Lisboa, Imprensa Nacional, 1985
- "- Estudos de carácter nacional português, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1971
- HALL, E. T. - The Hidden Dimension, Doubleday, Anchor Press, 1966
- "- The Danse of Life, Doubleday, Anchor Press, 1983
- RAPPOPORT, A. - House Form and Culture, Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1969
- 6.
- CLASTRES, A. C. - La société contre l'État, Paris, Minuit, 1974
- GONÇALVES, A. C. - Reestruturação do poder político e inovação social na sociedade Kongo, Evora, Inst. Sup. Econ. e Social, 1984
- "- Kongo, le lignage contre l'État, Lisboa, Inst. de Invest. Ciêns. Tropical, 1985
- LAPIERRE, J. W. - Vivre sans État?, Paris, Seuil, 1977
- MAUSS, M. - Sociologie et anthropologie, Paris, PUF, 1983
- "- Ensaio sobre a d*ádiva, Lisboa, Ed. 70, 1979
- BERIAUX, D. (ed.) - Biography and Society. Life History Approach in the Social Sciences, Londres, Sage Publ., 1981
- "- L'approche biographique. Sa validité méthodologique, ses potentialités, "Cahiers Internationaux de Sociologie", vol. LXIX, 1980
- BIOCCA, E. - Yanoama. Récit d'une femme brésilienne enlevée par les Indiens, Paris, Plon, 1976
- CATANI, M.; MAZE, S. - Tante Suzanne. Une histoire de vie sociale, Paris, Méridiens, 1982
- CIPRIANI, R. (dir.) - La metodologia della storia di vita. Dall' autobiografia alla life history, Roma, Euroma-La Goliardica,

1987

DESMARAIS, D.; GRELL, P. (eds.) - Les récits de vie: théorie, méthode et trajectoire, types, Montréal, Ed. Saint-Martin, 1986

FERRAROTTI, F. - Histoire et histoires de vie, Paris, Méridiens, 1983

LEWIS, O. - The Children of Sanchez, Nova Iorque, Peregrine Books, 1983

POIRIER, J.; CLAPIER-VALLADON, S.; RAYBAUT, P. - Les récits de vie, Paris, PUF, 1983

"- Le concept d'éthnobiographie et les récits de vie croisés, "Cahiers Internationaux de Sociologie", vol. LXIX, 1980

BOURDIEU, P. - Les sens pratiques, Paris, Minuit, 1980

"- La paysannerie, une classe object?, "Actes de la recherche en Sciences Sociales", 17-18, 1977, p. 2-5

CUTILEIRO, J. - Ricos e pobres no Alentejo, Lisboa, Sá da Costa, 1977

DIAS, J. - Rio de Onor. Comunismo agro-pastoral, Lisboa, Presença, 1981

"- Vilarinho das Furnas. Uma aldeia comunitária, Lisboa, IN/CM, 1981

NIERNAUX, J. P. - Culture et maîtrise du devenir en milieu rural, Lovaina, U.C.L.

KAYSER, R. (dir.) - Les sociétés rurales de la Méditerranée, Aix-en Provence, Edisud, 1986

LE ROI LADURIE, E. - Montaillou, village occitain (Monographie modèle d'un village médiéval), Paris, Gallimard, 1975

TOLOSANA, G. T. - Antropología cultural de Galicia, Madrid, Akal, 1979

S04

PRINCIPIOS GERAIS DO DIREITO

Docente: Assistente a contratar

Docente: Dr.^a Teresa Pérez

1. Preliminares.
 - 1.1 Introdução.
 - 1.2. Funções da Estatística.
 - 1.3. Noções básicas: relações entre a Estatística e a Sociologia.
 - 1.4. Fases de um trabalho estatístico.
 - 1.5. Estatística e medição de variáveis.
 - 1.5.1. Medidas nominais.
 - 1.5.2. Medidas normais.
 - 1.5.3. Medidas de intervalo.
 - 1.5.4. Medidas de quociente ou proporção.
 - 1.5.5. Tipos de variáveis.
2. Estatística descritiva univariada: a lógica da análise comparativa.
 - 2.1. Importância da análise comparativa em Sociologia.
 - 2.2. Tipos de comparações.
 - 2.2.1. Comparações entre grupos.
 - 2.2.2. Comparações entre um grupo e um indivíduo.
 - 2.2.3. Comparação entre o resultado de um estudo e um resultado standard.
 - 2.3. Operações básicas de comparação.
 - 2.3.1. Organizações dos dados.
 - 2.3.2. Distribuições.
 - 2.3.2.1. Distribuição de frequências.
 - 2.3.2.2. Distribuição percentual.
 - 2.3.2.3. Distribuição acumulada.
 - 2.3.3. Percentis.
 - 2.4. Técnicas básicas de representação gráfica.
3. Características de uma distribuição de frequência: tendência central, dispersão e forma. A distribuição normal.
 - 3.1. Características de uma distribuição univariada.
 - 3.2. Medidas de tendência central.
 - 3.2.1. Moda.
 - 3.2.2. Mediana.
 - 3.2.3. Média aritmética.
 - 3.2.4. Tipos especiais de médias.
 - 3.2.5. Relação e comparação entre as medidas de tendência central.
 - 3.3. Medidas de dispersão.
 - 3.3.1. Desvio absoluto, desvio médio absoluto.
 - 3.3.2. Variância e desvio padrão.
 - 3.3.3. Variáveis normalizadas.

- 3.4. Forma de uma distribuição.
 - 3.4.1. Características de assimetria e achatamento.
 - 3.4.2. Medidas de forma: momento.
- 3.5. Distribuição normal.
 - 3.5.1. A curva normal.
- 4. Inferência estatística.
 - 4.1. Introdução.
 - 4.2. Probabilidades: Noções básicas e definições.
 - 4.2.1. Propriedades matemáticas das probabilidades.
 - 4.2.2. Noções de análise combinatória.
 - 4.3. Noções sobre amostragem.
 - 4.3.1. Tipos de amostras.
 - 4.3.2. Amostras aleatórias simples.
 - 4.3.3. Estimadores e erros de amostragem.
 - 4.3.4. Determinação do tamanho de amostra.
 - 4.3.5. Outros tipos de amostragem probabilística.
 - 4.3.6. Amostragem não probabilística.
 - 5. Testes de hipóteses.
 - 5.1. Introdução.
 - 5.2. Uso dos testes em investigação.
 - 5.2.1. Formulação de hipóteses estatísticas.
 - 5.2.2. Escolha do teste.
 - 5.2.3. Nível de significância.
 - 5.2.4. Distribuição amostral.
 - 5.2.4.1. Teorema do limite central.
 - 5.2.4.2. Tendência central, variabilidade e forma de uma distribuição amostral.
 - 5.2.5. Região de rejeição: Testes unilaterais e bilaterais.
 - 6. Estatística descritiva bivariada.
 - 6.1. Distribuições bivariadas.
 - 6.2. Apresentação e análise de uma tabela bivariada.
 - 6.2.1. Cálculo de percentagens numa tabela.
 - 6.2.2. Distribuições condicionais mais complexas.
 - 6.3. Características de uma associação de duas variáveis.
 - 6.4. Obtenção de medidas de associação. Independência estatística e associação perfeita.
 - 7. Medidas de associação para variáveis nominais e ordinais.
 - 7.1. Medidas de associação para variáveis nominais.
 - 7.1.1. Coeficiente Lambda.
 - 7.1.2. Coeficiente Tary de Goodman.
 - 7.2. Medidas de associação para variáveis ordinais.
 - 7.2.1. Tipos ecalentes de pares.
 - 7.2.2. Coeficiente Tarcia de Kendell.
 - 7.2.3. Coeficiente Gama de Goodman e Kmekel.
 - 7.2.4. Coeficiente d de Somers.
 - 7.2.5. Coeficiente Ten-b de Kendell.

- 7.2.6. Coeficiente rho de Spearman.
8. Medidas de associação para variáveis de intervalo; regressão e correlação.
 - 8.1. Equações de regressão Unecr.
 - 8.1.1. Relação entre duas variáveis estatísticas. Equação de uma neck.
 - 8.1.2. Equação de regressão e ajuste pelo método dos mínimos quadrados.
 - 8.2. Correlação. Coeficiente r de Pearson.
 - 8.3. Matriz de correlações.
 - 8.4. Considerações finais sobre a selecção e interpretação das medidas de associação.
9. Testes de decisão para o uso de duas amostras.
 - 9.1. Teste da diferença entre duas médias.
 - 9.2. Teste da diferença entre duas proporções.
 - 9.3. Teste do chi-quadrado para duas amostras.
 - 9.3.1. Teste do chi-quadrado para K amostras.
 - 9.4. Testes de hipóteses de associação.
 - 9.4.1. Coeficiente de contingente c.
 - 9.4.2. Teste para o coeficiente rho de Speeinnen.
 - 9.4.3. Teste para o coeficiente gama.
 - 9.4.4. Teste para o coeficiente tau.
10. Análise de variância.
 - 10.1. Introdução.
 - 10.2. Análise de variância com um só factor.
 - 10.3. Outros tipos de análise de variância.
 - 10.4. Testes de decisão para o caso de correlação e regressão simples.
 - 10.5. Análise de variância para variáveis não paramétricas.
 - 10.5.1. Análise de variância: teste de Kruskal-Wallis.
 - 10.5.2. Teste de Friedman para a análise de variância com dois factores.
11. Noções de Informativa.

BIBLIOGRAFIA

- MANUEL GARCIA, Fernando - Introducción a la estadística en Sociología, Col. "Textos", Madrid, Alianza Universidad, 1987
- GRAIS, Bernard - Méthodes statistiques, Paris, Dunod, 1982
- Statistique Descriptive, Paris, Dunod, 1982
- MURTEIRA, Bento - Estatística Descritiva, Lisboa, McGraw-Hill, 1979
- Probabilidade e Estatística, Lisboa, McGraw-Hill, 1979
- MEYER, Paul - Probabilidades. Aplicações à Estatística, Rio de Janeiro, LTC/LIDEI, 1983
- BLALOCK, Hubert - Social Statistics, McGraw-Hill, Inc., 1983

- 1967 APORTOL, Tom - Calculus, vol. II, New York, J. Wiley & Sons,
- CALOT - Cours de Statistique Descriptive, Paris, Dunod, 1969

1. Métodos de trabalho: recolha bibliográfica, constituição de ficheiros de documentação, redacção de trabalhos.
2. Questões fundamentais de epistemologia e metodologia sociológicas (revisão e aprofundamento de algumas questões).
3. A elaboração de um programa de pesquisa empírica.
 - 3.1. O papel da teoria no processo de pesquisa empírica.
 - 3.2. Os meios de trabalho teórico e as fases de pesquisa.
 - 3.3. Os métodos de pesquisa empírica e as técnicas de recolha e análise de informação - descrição e proposta de classificação.
4. Metodologia da análise extensiva.
 - 4.1. Os conceitos e sua operacionalização.
 - 4.1.1. Causalidade e explicação em sociologia.
 - 4.1.2. Problemas da generalização e da quantificação.
 - 4.1.3. Problemas da construção de variáveis, da medida e da lógica das relações entre variáveis.
 - 4.2. Construção de amostras representativas de uma população.
- 4.3. Técnicas de inquérito.
 - 4.3.1. O inquérito por questionário: problemas de planeamento, de elaboração e aplicação do questionário e de análise dos dados recolhidos.
 - 4.3.2. Testes e medidas de atitudes e opiniões
 - 4.3.3. As entrevistas: tipologia segundo os objectivos e a técnica de execução.
5. Análise de documentos: análise documental "clássica" e análise de conteúdo.
6. Metodologia dos estudos de caso.
 - 6.1. Monografia e estudo de comunidades: dos procedimentos clássicos à sua crítica e reconversão.
 - 6.2. Observação sistemática e observação participante.
 - 6.3. A entrevista não estruturada a informadores-chave.
 - 6.4. Abordagem biográfica: histórias de vida e genealogias.
7. Pesquisa orientada para a intervenção: a investigação-acção e a intervenção sociológica.
8. Experimentação: a extensão do método das ciências naturais às ciências humanas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALMEIDA, João Ferreira de; PINTO, José Madureira - A investigação nas ciências sociais, Lisboa, Presença, 1982
- BARDIN, Laurence - Análise de conteúdo, Lisboa, Ed. 70, 1979
- BLALOCK, Hubert - Introducción a la investigación social, Buenos Aires, Amorrotu, 1970

- BULMER, Martin (ed) - Sociological Research Methods - an Introduction, Londres, MacMillan
- GARCÍA FERNANDO, Manuel - Introducción a la socioestadística, Madrid, Alianza
- GHIGLIONE, Rodolphe; MATHALON, Benjamim - Les enquêtes sociologiques - théorie et pratique, Paris, Armand Colin, 1978
- GRAWITZ, Madeleine - Méthodes des sciences sociales, Paris, Dalloz, 1964
- MAINTZ, Renate; HOLM, K.; HOEBNER, P. - Introduction to Empirical Sociology, Middlesex, Penguin, 1976
- MILLS, Charles Wright - A imaginação sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1980
- PINTO, José Madureira - Questões de metodologia sociológica (I), (II), (III), "Cadernos de Ciências Sociais", nº 1, 2, 3, Porto
- RILEY, Matilda W.; NELSON, Edward E (orgs) - A observação sociológica, Rio de Janeiro, Zahar
- SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (orgs) - Metodologia das ciências sociais, Porto, Afrontamento, 1987

Docente: Prof. Doutor Jorge Carvalho Arrouteia

0. Introdução: A demografia como ciência social.

I - Análise demográfica

1. As fontes de informação: significado dos dados e análise dos resultados.

2. A análise dos fenómenos demográficos: conceitos e indicadores.

3. A análise dos fenómenos demográficos.

3.1. Natalidade e fecundidade.

3.2. Mortalidade.

3.3. Movimento natural.

3.4. Migrações.

II - Os modelos demográficos.

1. Validade e restrições dos modelos.

2. Exemplificação: os modelos de evolução da população.

III - O crescimento demográfico e as estruturas da população.

1. A evolução demográfica: significado e perspectivas.

2. A teoria da transição demográfica.

2.1. O crescimento demográfico e a evolução recente da natalidade e da mortalidade.

2.2. Os estados de transição.

3. As estruturas demográficas e as estruturas sociais da população.

IV - O pensamento demográfico e as teorias da população.

1. A evolução do pensamento demográfico.

2. As políticas da população.

2.1. As políticas pró-natalistas.

2.2. As políticas anti-natalistas.

3. Economia e população: as tendências demográficas do mundo contemporâneo.

4. O crescimento zero.

BIBLIOGRAFIA

ARROTEIA, Jorge Carvalho - A evolução demográfica portuguesa, col. "Biblioteca Breve", nº 93, Lisboa, I.C.L.P., 1984

DERRUAU, Max. - Précis de géographie humaine, Paris, Armand Colin, 1967

GEORGE, Pierre - Géographie de la population, col. "Que sais-je?", nº 1187, Paris, PUF, 1967

HENRY, Louis - Démographie, analyse et modèles, Paris, INED, 1984

MOUCHEZ, Philippe - Démographie, Paris, PUF, 1968

NAZARETH, J. Manuel - Dinâmica da população, "Análise Social", XIV, 1978, p. 729-800

"- O envelhecimento da população portuguesa, Lisboa, Ed. Presença/G.I.S., 1979

"- Introdução aos métodos quantitativos em Ciências Sociais, Lisboa, Universidade Nova, 1981

NOIN, Danil - La transition démographique dans le monde, Paris, PUF, 1983

PRESSAT, Roland - Démographie sociale, 2^a ed., Paris, PUF, 1978

"- Dictionnaire de la démographie, Paris, PUF, 1979

SAUVY, Alfred - La population, col. "Que sais-je?", n^o148, Paris, PUF, 1975

VERRIERE, Jacques - Les politiques de population, Paris, PUF, 1978

Docente: Prof. Doutor Manuel Augusto Ferreira da Silva

1. Evolução das ideias sociais e políticas e a definição da situação do indivíduo e dos grupos sociais nas suas relações com o poder e com a história.

2. A racionalidade científico-técnica e o seu impacto sobre as componentes normativa e expressiva das culturas. Dialéctica do sistémico e do existencial. O problema dos valores.

3. Intervenção da racionalidade científica na ordem política. Modificação do conceito de sistema político. A racionalidade em questão.

4. O homem, a realidade social e a legitimação da acção. A liberdade e as instituições, o poder e a violência, a violência e o discurso, a justiça e a democracia.

BIBLIOGRAFIA

ARENOT, H. - Condition de l'homme moderne, Paris, Calmann-Lévy, 1983

"- Du mensonge à la violence, Paris, Calmann-Lévy, 1972

"- Le système totalitaire, Paris, Seuil, 1972

ARON, R. - Dix-huit leçons sur la société industrielle, Paris, Gallimard, 1962

"- L'opium des intellectuels, Paris, Calmann-Lévy, 1968

"- Les désillusions du progrès, Paris, Calmann-Lévy, 1969

"- Marxismes imaginaires, Paris, Gallimard, 1970

BAUDRILLARD - La société de consommation, Paris, Gallimard, 1974

BOBBIO, N. - Direito e Estado no pensamento de Emmanuel Kant, Brasília, Edit. Univ. de Brasília, 1984

CHATELET, F.; PISIER-KOUCHNER - Les conceptions politiques du XXe. siècle, Paris, PUF, 1981

CHEVALIER, J.J. - Les grandes oeuvres politiques de Machiavel à nos jours, Paris, Colin, 1970

DEUTSCH, K. - Política e governo, Brasília, Edit. Univ. de Brasília, 1983

DUVERGER, M. - Introduction à la politique, Paris, Gallimard, 1974

"- Sociologie politique, Paris, Edit. Sirey, 1966

FREUND, J. - L'essence du politique, Paris, Edit. Sirey, 1965

"- O que é a política?, Edit. Futura, 1974

FROMM, E. - Psicanálise da sociedade contemporânea, Rio de

- Janeiro, Zahar, 1965
 GIDDENS, A. - Capitalismo e moderna teoria social, Lisboa, Presença, 1984
- HABERMAS, J. - Raison et légimité, Paris, Payot, 1978
 ILLICH, I. - La convivialité, Paris, Seuil, 1973
 LEFEVRE, H. - Contra os tecnocratas, Lisboa, Moraes, 1968
 LLANO-BALLESTEROS - Ética y política en la sociedad democrática, Madrid, Espasa-Calpe, 1981
- MORIN, E. - Introduction à une politique de l'homme, Paris, Seuil, 1965
- "- Pour sortir du Vingtième Siècle, Paris, Nathan, 1981
 MARCUSE, H. - L'homme unidimensionnel, Paris, Minuit, 1968
 RIESMAN - La faute solitaire, Paris, Arthaud, 1964
 RODRIGUEZ ZUÑIGA - Raymond Aron y la sociedad industrial, Madrid, Instituto de la Opinión Pública, 1973
- SCHILING, K. - Histoire des idées sociales, Paris, Payot, 1962
- SCHUTZ, A. - Fenomenologia das relações sociais, Rio de Janeiro, Zahar, 1979
- TOUCHARD - História das ideias políticas, Lisboa, Europa-América, 1970
- WEBBER, M. - Le savant et le politique, Paris, Plon, 1954
 WEIL, E. - Philosophie politique, Paris, Vrin, 1971

S22 LÍNGUA VIVA II (Instrumento de Trabalho) - Inglês

Docente: Dr. Ian Charles Rowcliffe

WORK

Vocabulary and structures. Some investigations. You'll make a million bucks up there. Family happiness and wealth. In and out of work. Child labour.

LEISURE

Two playtime personalities.

UNEMPLOYMENT

The unemployed. The riddle of unemployment.

YOUTH

The ways of the young.

WELFARE

Theory of welfare. Designing for the dole. Reforming the welfare monster. Welfare spurs family breakdown.

SOCIOLOGY OF HEALTH

Identity-Who am I? She didn't understand what went wrong. (Do you?) Analysis from a sociological point of view. Teens need family not bureaucrats. The moral society. Child abuse. The National Health Service. How the other half dies. The lessons of AIDS. Tends in AIDS.

TOWN PLANNING

Community. How to manage housing. Urban regeneration - an urban legend. Dual approach on homelessness. The ghost of Rachman. Thamesmead: the new model town. Thatcher's blueprint for the inner cities. Bad town planning or how I became a prostitute. Plan your new town.

COMMUNICATION

Your Sunday newspaper. The best money can buy. Disinformation. The press and control.

Docente: Assistente a contratar

OBJECTIFS

1. Déchiffrement de textes oraux et écrits en tous genres: articles de presse, critiques de spectacles, textes littéraires modernes, articles de critique littéraire et linguistique...

2. Entraînement à la lecture personnelle de textes d'une certaine difficulté et d'une certaine longueur.

Approfondissement des connaissances historiques et culturelles relatives à la France.

Amélioration de la compétence active. Étude de quelques points de grammaire problématique dans le passage d'une langue à l'autre.

PROGRAMME

- Les objectifs seront réalisés à partir d'un corpus de textes divers organisés autour de thèmes historiques ou littéraires.

Notamment: Michel Butor et le nouveau roman (La Modification)

Honoré de Balzac

André Cide

La Révolution française

Paul Verlaine

- Chaque texte permettra une exploitation grammaticale, lexicale, stylistique, historique (ex. complémentaires) et la lecture d'oeuvres critiques qui s'y réfèrent. Les textes seront l'objet d'une vérification de la compréhension par des travaux oraux et écrits (résumés, commentaires, traductions...)

- Les documents de presse seront choisis suivant l'actualité culturelle.

EVALUATIONS

Evaluation continue: voir les modalités pour le cours de Língua Viva I

Évaluation périodique et évaluation finale: approfondissement de deux des thèmes traités au cours (Titres des lectures à convenir avec le professeur).

I N D I C E

Introdução à Antropologia Cultural	1
Princípios Gerais do Direito	5
Estatística para as Ciências Sociais	6
Metodologia e Técnicas de Investigação	10
Análise e Teorias Demográficas	12
Pensamento Social e Político	14
Língua Viva II - Inglês	16
Língua Viva II - Francês	17

